

Bresser começa a medir obstáculos

A proposta brasileira de negociar sua dívida externa primeiro com os bancos privados para só depois fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional não agrada ao sistema financeiro internacional que deverá colocar obstáculos à posição que vem sendo defendida pelo ministro da Fazenda.

Isto foi o que admitiu ontem o próprio Bresser, ao chegar a Brasília, depois de uma viagem de uma semana aos Estados Unidos, onde manteve contato com os credores brasileiros. «Tenho certeza de que vai haver alguma dificuldade nesta área. Para o FMI e o sistema financeiro Internacional é interessante manter a regra atual porque assim o Brasil fica subordinado ao Fundo», disse.

De qualquer forma, o ministro está otimista em que até setembro deste ano seja possível fazer um acordo nos moldes em que o País está pretendendo. Bresser disse que, pela proposta brasileira, «o poder do Fundo reduz-se bastante», uma vez que o acordo com os bancos será feito sem que o País tenha que seguir estritamente o figurino da instituição.

— Depois, quando fizermos o acordo com o Fundo e não for cumprida alguma meta, eles podem retaliar muito pouco porque não poderão suspender o desembolso dos bancos, acredita.

Cronograma

Pelo cronograma traçado pelo ministro, depois da negociação com os bancos viria o acordo com o FMI, o que ele julga importante em primeiro lugar, porque o Governo tem interesse em que a economia do País seja regularizada e, depois, o Brasil quer abocanhar uma parcela substancial dos 30 bilhões de dólares que o governo japonês está disposto a emprestar para financiar projetos em países em desenvolvimento.

— Aí será bastante fácil fazer isso se nos tivermos um acordo com o Fundo — argumentou.

Bresser, porém, deixa claro que o Brasil só fará um acordo com o FMI se «os planos, os objetivos, forem aqueles que nos entendermos que são os interesses do povo brasileiro e não, eventualmente, aqueles que acharem melhores».

Ao fazer um balanço de sua viagem, o ministro considerou-a «bem-sucedida» porque partiu para os Estados Unidos não com o objetivo de negociar a dívida externa mas mostrar às autoridades americanas e aos bancos credores os planos do Governo para ordenar novamente a economia, principalmente através do Plano de Controle Macroeconômico.

Lua-de-mel

Segundo Bresser, seus interlocutores nos EUA fizeram «grandes elogios» ao Plano Macroeconômico e ao desempenho da economia brasileira nos últimos três meses. Para o ministro, tais resultados podem ser considerados «muito bons», porque ao lado do esforço do Governo de conter o déficit público, a economia está em expansão, os sinais de recessão estão arrefecendo e a inflação está sob controle. Em agosto, previu, a inflação vai ficar «em nível bastante baixo».

— Por enquanto, estamos numa lua-de-mel do congelamento e do Plano Macroeconômico. Espero ficar um pouco mais de tempo nesta lua-de-mel — comentou, bem humorado.

Bresser reiterou que o Brasil somente suspenderá a moratória decretada em 20 de fevereiro depois que obtiver dos credores o refinanciamento dos juros da dívida que vencem em 1987 e 1988, num total de 7,3 bilhões de dólares, «inclusive com spread (taxa de risco) zero».